

LOU BORGHETTI – PINTURAS

É surpreendente comunicar-lhes que, em meio a tantas instalações e conceitos, ressurgiu alguém que ama. Que ama a pintura em sua forma mais singela e desprezível, elementar, espontânea. Sim, alguém ainda capaz de pegar em pincéis e, sobre a superfície do papel ou da tela, espalhar cores, criar tramas, construir texturas, inventar narrativas.

Há uma história que merece ser contada. Não é uma farsa, nem novela. Também não se trata de lírica invenção poética desmedida. A fala que se percebe e se ouve, que salta deste conjunto de diferentes estaturas e formatos, é a fala de gente igual a você. Você mesmo, aí, que está lendo este texto. Gente de carne e osso. Gente que sofre e ri. Que se encanta e desata. Que é artista por destino.

Arte (ou destino) não é coisa lá de se achar estranho. Arte não é coisa de gênio. Arte que vale a pena ser vista e vivida é para impregnar nosso cotidiano, invadir nossa casa, habitar o meu, o seu olhar. Há algo melhor para resolver este claro enigma da existência do que acrescentar beleza e não banalidade ao mundo? Se a função da vida é mais vida, Lou acrescenta pitadas, pinceladas, bocadas de tinta aos aromas e sabores de nossa contemplação.

No seu poema Os Sapos, lido na Semana de Arte Moderna de 22, Manuel Bandeira já desancava os parnasianos. Ele estava farto do lirismo comedido, da prosa do mercado, das artimanhas e invencionices dos textos críticos. Ele queria falar de coisas concretas: bons poemas, boas pinturas, boa música. O Brasil se inventava a si mesmo. Adentrávamos os anos 30 e produzíamos excelência na arquitetura, na literatura de caráter regionalista. As pessoas não eram produto da sociedade de espetáculo.

Volto ao passado, a uma época em que se criava sem fanfarronice e sem o olho gordo voltado à mídia. O artista tinha de se provar por seu talento. Por sua entrega. Por seu amor esclarecido a si mesmo e às coisas brasileiras, entranhadas em sua formação.

Lou exalta luzes que trazem bocadinhos do Brasil: memórias, cadeiras em que sentamos, flores que aspiramos, enevoamento que não ousamos dispersar. Tudo se embebe em olhar e tinta. Tudo se dissolve em gesto e corpo. A artista retira sua pele, sua roupa mais íntima e, nua, sem pudor de entrega, se envolve no linho da tela, no algodão ou celulose do papel.

Lou, assim, parece emergir da memória do tempo. [É bom que estejamos despidos de quaisquer sentimentos tolos ao entrarmos no MARGS.] Sua pintura é bruta. Real. Presente. Não há nenhum lirismo desmedido. Ela faz da arte de manchar, com cores, superfícies antes intactas de branco, uma marca. Ouvimos o farfalhar das pinceladas, o marulhar das tintas. Há matéria viva, úmida, impossível de secar pela ação do tempo. Lou parece habitar, mais que às margens do Guaíba, à margem do tempo. E, no entanto, por paradoxo, sua contemporaneidade é radical. Ela não faz concessões. Ela faz pintura.

Leonel Kaz

Curador, editor da UQ! (www.ugeditions.com), foi Secretário da Cultura e Esportes do Estado do Rio de Janeiro

LOU BORGHETTI - PAINTINGS

It is surprising to inform you that, amid so many installations and concepts, someone that genuinely loves has resurfaced. Someone that loves painting in its simplest and most unpretentious form, something elementary and spontaneous. Yes, someone still able to take a brush and spread color, create intrigue, construct texture, invent narratives on the surface of paper or canvas.

There is a tale that deserves to be told. It is not a hoax, or even a novella. Nor does it deal with unmeasured poetic lyrical invention. What you notice and hear, which arises from this array of different statures and formats, is what people just like you say. That's right, you, reading this text. People of flesh and bone. People who suffer and smile. Those who become enchanted and come undone. Those who are destined to be artists.

Art (or destiny) is not something to be thought of as strange. Art is not something for the genius. Art worth seeing and experiencing is for filling our daily routine, invading our homes, inhabiting my view and yours. Is there anything better to resolve this clear enigma of existence than adding beauty instead of banality to the world? If the role of life is to generate more life, Lou adds pinches, strokes and touches of paint to the aromas and flavors of our contemplation.

In his poem "*Os Sapos*" (The Frogs), read at *Semana de Arte Moderna de 22* (Modern Art Week), Manuel Bandeira had already bored with the Parnassists. He was fed up with measured lyricism, market prose, the tricks and fanciful ideas of critical texts. He wished to speak of real things: good poems, good paintings, good music. Brazil was inventing itself. We entered the 1930s and produced excellent architecture and literature of a regional nature. People were not the products of a society of spectacle.

Looking back, to a time when people created without all the bluster and hungry eyes focused on media. Artists had to prove themselves through their talent. Through what they delivered. For their clear love for themselves and all things Brazilian, ingrained in their formation.

Lou exalts lights that offered snippets of Brazil: memories, chairs we sit in, flowers we breathe in, a fogginess we dare disperse. Everything is soaked up in a glance and paint. Everything is dissolved in a gesture and body. An artist removes their skin, their most intimate clothing and, naked, without fear of giving, wrap themselves in the stands of a canvas, in cotton or paper pulp.

It is thus that Lou seems to emerge from the memory of time. [It is a good idea to leave foolish ideas outside when entering MARGS.] Her painting is raw. Real. Present. There is no trace of unmeasured lyricism. She makes the art of painting, with colors, on surfaces once white and untouched, a milestone. We can hear the brush strokes, the murmur of the paint. There is live matter, wet, impossible to dry through the action of time. More than the margins of Guaíba Lake, Lou seems to inhabit the margins of time. And, even so, paradoxically, her contemporaneity is radical. She makes no concessions. She paints.

Leonel Kaz

Curador, editor da UQ! (www.uqeditions.com), foi Secretário da Cultura e Esportes do Estado do Rio de Janeiro